ELES SONHARAM UM OUTRO MUNDO

LAURENT VIDAL

História Atlântica dos Fundadores do Falanstério do Saí (1841-1846)



Eles Sonharam um Outro Mundo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Lucas Antonio Moscato

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Valeria De Marco
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Ricardo Pinto da Rocha
Tânia Tomé Martins de Castro
Suplentes José Roberto Castilho Piqueira
Marta Maria Geraldes Teixeira
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Téc. Div. Editorial Cristiane Silvestrin

Eles Sonharam um Outro Mundo

História Atlântica dos Fundadores do Falanstério do Saí (1841-1846)

Laurent Vidal

Tradução
Gilson César Cardoso de Sousa

edusp

Copyright © Editions Flammarion, Paris, 2014
Título original em francês: *Ils ont rêvé d'un autre monde. 1841. Cinq cents Français partent pour le Brésil fonder un nouvel Éden. Iront-ils au bout de leur utopie?*

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2015, a bénéficié du soutien de l'Institut Français du Brésil.
Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação 2015, contou com o apoio do Instituto Francês do Brasil.





Ficha catalográfica elaborada pela
Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)

Vidal, Laurent

Eles Sonharam um Outro Mundo: História Atlântica dos Fundadores do Falanstério do Saí (1841-1846) / Laurent Vidal; tradução de Gilson César Cardoso de Sousa – São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

240 p.: il.; 23 cm.

Inclui mapas e ilustrações.
ISBN: 978-85-314-1716-0

1. Falanstério do Saí. 2. Colonização francesa. 3. Benoît Mure. I. Sousa, Gilson César Cardoso de. II. Título.

CDD 326.09729

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2019

Foi feito o depósito legal

Agradecimentos

AGRADEÇO SINCERAMENTE ÀQUELAS E ÀQUELES QUE me acompanharam ao longo deste projeto, para começar a Sophie Berlin, que acompanhou as etapas uma por uma: seu entusiasmo me permitiu vencer inúmeros desafios.

Obrigado a Arlette Farge, Jacques Rancière, Martine Acerra, Paulo Gomes, Tania de Luca, Alain Corbin, Alain Cabantous, John Merriman, Olivier Compagnon, Grégory Bériet, Pierre Prétou, Paul Virilio, Carina Sartori, Jean-Louis Comolli, Carlo Ginzburg, Thierry Paquot, Jeanne Benameur, Bernadete Ramos Flores, Denis Montebello, Stéphane Emond, Antônio Torres, Michel Cordillot, Yves Frénette, Rosanna Barbosa, Raquel Thiago, Ivone Gallo, Claudia Ponzioni, Fania Fridman, Mariana Heredia, Guy Martinière, Charles Illouz, Didier Poton, Bruno Marnot, Mickaël Augeron, Tangi Villerbu, Diego Jarak, Rémy Lucas, Micéala Symington, Ana Maria Diaz (*in memoriam*), Mauricio Abreu (*in memoriam*) e Jean Duvignaud (*in memoriam*) pela ajuda que me deram.

Os arquivistas que me acolheram na França, no Brasil e na Inglaterra devem receber aqui meus agradecimentos: principalmente Jérôme Cras, diretor do Centre des Archives Diplomatiques de Nantes, Valdete Niehues, diretora do Arquivo Histórico de Joinville, e Rosiane Martins, do Arquivo Histórico do Itamaraty (Rio de Janeiro).

As múltiplas viagens e pesquisas que deram origem a este trabalho não seriam possíveis sem o financiamento da Agence Nationale de la Recherche. A ela, meus agradecimentos.

O meu carinhoso reconhecimento à Isabel Chrysostomo, esposa e companheira intelectual, sensível, que percorreu comigo este caminho.

Henri e Suzette Vidal, bem como Renée Darmon, leram o texto antes que Clotilde Meyer empregasse seu talento extremamente profissional de editora na releitura. A eles, meu muito obrigado.

Quanto a você, Juliette, nunca deixe de sonhar com um outro mundo...

Sumário

Siglas 11
Introdução 13
Considerações metodológicas 17

PRIMEIRA PARTE: OS VISITANTES DO PAÇO 19
Uma Cena de Índices 19
Charles Fourier, Inventor da Ciência Social 21
Os Redatores do *Nouveau Monde* 24
Aprender a Esperar: Nascimento de uma Consciência Utópica 29
O Sonho de Camille Trinocq 41
Lyon, Palermo, Rio de Janeiro: As Peregrinações do Doutor Mure 46
O Projeto Inaudito de um Homem Apressado 55
Os que Esperam 61

SEGUNDA PARTE: ARQUEOLOGIA DE UMA ESPERANÇA 63
Do Lugar ao Espírito do Lugar 63
A Impaciência dos Irmãos de Paris 74
A *Union industrielle* ou sociedade "Arnaud, Jamain, Derrion *et compagnie*" 76
Os Soldados da Harmonia 84
Fora com os São-simonianos! 87
A Última Ceia 93
Entre o Sagrado e o Profano: A Missão do Doutor Arnaud 97

A Caminho do Havre! 101
Ventos Contrários 107
Os Passageiros do Atlântico 112
Adeus, Terra da França! Salve, Terra do Futuro! 121
Como um Quebra-cabeça Incompleto 130

TERCEIRA PARTE: OS HOMENS CHEGARAM 133
Dias Tempestuosos no Rio de Janeiro 133
É Preciso Tentar Viver! 141
Uma Instalação Movimentada 143
Um Crime de Desumanidade 150
Por Algumas Flores Artificiais 152
Caça aos Colonos 162
Uma Vida de Expectativa 170
"Sigam seu Caminho!" 175
Como uma Pele de Onagro 180
Os Sísifos Modernos 185
Inventário antes do Encerramento 188
O Dia Seguinte… 191

QUARTA PARTE: AS FERIDAS DA UTOPIA 193
A Errância dos Vaga-lumes 193
Os Destroços da Colônia Francesa 194
Alguns Destinos Afortunados 198
Os Contratados de Porto Estrela 202
Em Lyon, um Processo por Tráfico de Brancos 206
Na África, um Aprendiz de Traficante de Escravos 208
Jean-Louis Boulay e a Comuna Societária de La Réunion (Texas) .. 211
Os Desconhecidos de Montevidéu 213
Benoît Mure, Apóstolo da Homeopatia no Brasil 213
"Acreditamos facilmente naquilo que desejamos": Michel Derrion no Rio de Janeiro 221
O Profeta do Armanase: Benoît Mure nas Nascentes do Nilo 227
Os Esquecidos do Saí 230
Polifonias Atlânticas 234

Bibliografia 237

Siglas

ACDP	Arquivo do Centro Diocesano Pastoral (Joinville)
AHI	Arquivo Histórico do Itamaraty (Rio de Janeiro)
AHJ	Arquivo Histórico de Joinville (Santa Catarina) – Coleção Carlos Ficker
AHMI	Arquivo Histórico do Museu Imperial (Petrópolis)
ANRJ	Arquivo Nacional, Rio de Janeiro
APERJ	Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro
APESC	Arquivo Público do Estado de Santa Catarina
BNRJ	Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro)
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Introdução

O real às vezes alimenta a esperança.
Por isso, contra toda expectativa, a esperança sobrevive.
René Char, "La Bibliothèque est en feu", 1957

UMA MULTIDÃO ENCHE A SALA DO TRONO: HOMENS, mulheres e até algumas crianças segurando timidamente a mão dos mais velhos.

Não são nem ministros nem altos dignitários e muito menos diplomatas – apesar de seu aspecto exótico. Não pertencem à nobreza nem à grande burguesia.

São artesãos, operários.

No calor sufocante desse dia de verão, trajando suas batas e aventais, e munidos de suas ferramentas de trabalho, atravessaram a pé o vasto pátio do paço sob o olhar atônito dos frequentadores tradicionais do lugar: guardas, negociantes ricos, vendedores ambulantes e lavadeiras do chafariz do mestre Valentim.

Esses visitantes do paço, de aparência insólita, são estrangeiros; acabam de chegar da França à capital brasileira, Rio de Janeiro; é sábado, 18 de dezembro de 1841.

De fora, as dimensões do paço não são nada imponentes. De resto, o imperador não mora nele, preferindo o de São Cristóvão, do outro lado da cidade nova. Só vem aqui em ocasiões excepcionais, como para sua coroação (alguns meses antes) ou para raras audiências.

A sala do trono está situada num ângulo superior do paço: chega-se aí, do pátio, pela escada monumental. Janelas altas e largas abrem para a baía e o grande pátio. Posto sobre um estrado revestido de veludo vermelho, o trono é coroado por um dossel de veludo verde, recoberto de tule branco e com franjas douradas.

O imperador, que agora entra na sala, chama-se dom Pedro II: tem apenas quinze anos. Acompanhado de seu ministro do Império, senta-se no trono. Sem pronunciar uma palavra, com a solenidade que convém à ocasião, passeia o olhar pela estranha assembleia.

De repente, destacando-se da multidão, um homem de cabelos ruivos e barba curta, com óculos redondos, aproxima-se do imperador e dirige-se a ele em francês:

Senhor,

Há um ano, neste mesmo dia, vim solicitar de Vossa Majestade uma hospitalidade generosa para os filhos da velha Europa ávidos de paz e felicidade. Graças à benevolência de Vossa Majestade e às sábias resoluções de vosso governo, vemos hoje as primícias desse grande empreendimento. O Brasil não estará, pois, atrás das nações mais esclarecidas do globo que, neste momento, tomam Fourier por guia, buscando resolver o grande problema da organização do trabalho e da pacificação dos interesses industriais. Os precursores desse exército renovador já chegaram; ei-los aos pés de vosso trono e, como os gladiadores romanos, prontos a descer à arena, dirigindo ao imperador estas palavras supremas: *Ave Cæsar, te morituri salutant!* Eles vêm, antes de travar, com uma natureza gigantesca, uma luta repleta de perigos e grandezas, suplicar a Vossa Majestade que abençoeis suas armas pacíficas e fecundas. Uma palavra dos lábios augustos de Vossa Majestade centuplicará suas forças e sua coragem, e um de vossos olhares acenderá neles um fogo inextinguível. Assim animados, que prodígios lhes serão impossíveis?! Eles cumprirão todas as promessas que fizeram; e as inumeráveis coortes de imigrantes europeus, que só esperam um sinal para se lançar em suas pegadas, acorrerão às praias paradisíacas do Brasil para aí realizar os destinos imensos e misteriosos de uma idade de ouro que a divindade reserva ao mundo do futuro.

* * *

Faz mais de vinte anos que descobri esta história ou, mais precisamente, esse fragmento de história. Folheando um documento do século XIX que consultava para minha tese, tive o olhar atraído pelo relato desse episódio[1]. Oferecida

1. O discurso do paço foi reproduzido no *Jornal do Commercio*, 21 dez. 1841.

assim em sua dimensão bruta, sem começo nem fim, como que escapada da marcha do tempo, a cena tinha algo de fascinante.

Ela poderia permanecer tranquilamente esquecida na gaveta dos pequenos acontecimentos verdadeiros encontrados ao acaso de minhas pesquisas em arquivos; mas a história me cativou e sua pequena música interior convidou-me a segui-la, como se encerrasse algum segredo que me cumpria desvendar. Seduzido embora, por muito tempo resisti a seus atrativos. Mas um dia, pressentindo talvez uma resposta possível ao desafio que ela me lançava, aceitei seu convite.

Eu sabia então que, para seguir as pegadas desses visitantes do paço, precisaria envergar a panóplia do historiador-pesquisador, à cata dos menores indícios suscetíveis de me informar sobre sua identidade e suas expectativas. Franceses que vão se instalar no Brasil para trabalhar pela renovação da humanidade: não é uma boa ocasião para examinar uma história, em escala atlântica, do desejo de mudança social? Uma história atenta não apenas à circulação das ideias, mas também às experiências vividas por aqueles que ousaram partir em busca de praias novas, a fim de testar uma nova forma de existência. Homens e mulheres que deixam tudo para dar forma a simples palavras, não será isso a utopia? Um frágil ponto de equilíbrio entre "poesia do desejável" e "prosa do possível"[2].

2. Henri Desroches, *La Société festive. Du fouriérisme écrit aux fouriérismes pratiqués*, 1975, p. 107.

Considerações Metodológicas

UMA VEZ QUE O NOVO MUNDO SE TORNOU, NO CURSO do século XIX, uma terra de predileção para a realização de utopias concebidas na Europa, o papel do Atlântico (que separa justamente o lugar da invenção do lugar da concretização) deve ser plenamente restituído.

Sem dúvida, por uma estranha ilusão (não de ótica, mas cinética), o deslocamento tende a apagar os traços e os signos inscritos na extensão atravessada – talvez para nos persuadir de que nada é digno de interesse durante esse trajeto. Contudo, "a efemeridade proverbial de algo escrito na água, um rastro, é, para todos os fins desejados, quase tão digno de confiança quanto a terra firme" (H. Melville). Inscrever esta história numa perspectiva atlântica é, pois, buscar os traços deixados pela esteira dos falansterianos durante seus deslocamentos e as expectativas que os marcaram. Ora, tanto na ida quanto na volta, o Atlântico é um espaço de metamorfoses sociais e psicológicas.

Com isso, a travessia do oceano não pode mais ser considerada mero episódio sem consequências para a realização: ela se insere num conjunto complexo de dispositivos jurídicos, econômicos e técnicos capazes de perturbar a própria organização do projeto. Os períodos de deslocamento e espera, que assinalam o trajeto entre a partida e a chegada, têm no grupo que se desloca implicações psicológicas suscetíveis de modificar até o sentido do compromisso de alguns. Nem a experiência material, física dessa navegação deve ser negligenciada. Em suma, a travessia constitui um primeiro desafio teste para uma comunidade que, ao partir, está unida por palavras.

Ora, essas palavras, pensadas para nada deixar espaço ao acaso no mundo futuro, não podem ser de valia nesse momento preciso. Cabe ao historiador mostrar como tal experiência pode comprometer os quadros individuais e coletivos do projeto utópico.

Uma escrita atlântica convida assim a ir além do tempo do deslocamento ou da dissolução para atentar no futuro singular de cada um daqueles que participaram da realização da comunidade. O Atlântico não é apenas a mortalha de uma utopia em frangalhos, é também o lugar de errância de seus servidores, ávidos por responder ao enigma colocado pela esfinge de um mundo que se tornou obscuro. Assim, para os viandantes do porvir, o Atlântico é um vasto terreno de experimentação aberto a todos os possíveis e a todas as relações, campo fértil para nele se inventar uma existência nova. Não é, pois, o fracasso da utopia que devemos escarmentar em uma leitura demasiadamente estática, mas sim a multiplicidade de escolhas tornadas possíveis pela inserção dessa comunidade dispersa no espaço atlântico.

PRIMEIRA PARTE

Os Visitantes do Paço

Sim, deem-me uma alavanca e um ponto de apoio, uma data e uma rua: com um gesto, serei capaz de erguer este mundo de mistério.
Gerardo Mello Mourão, *O Valete de Espadas*, 1963

Uma Cena de Índices

TUDO COMEÇA, PORTANTO, COM ESSA CENA. O POVO ESTÁ no paço. Foi convidado e parece esperar, do monarca, o que se esperava outrora de um rei taumaturgo: uma palavra, um gesto que apontassem o caminho, galvanizando corpos e almas. Esses guerreiros modernos se aprestam para travar um verdadeiro combate pela renovação do mundo e da humanidade, e vão ao imperador para implorar um olhar magnânimo.

Mas quem são, exatamente, esses franceses? O que os levou a empreender semelhante viagem e, sem dúvida, a abandonar tudo que possuíam? O que o Brasil espera de tão importante ao acolhê-los para que o imperador, em pessoa, os receba em seu paço? E, do outro lado do Atlântico, que são essas "coortes de imigrantes" que só esperam um "sinal" para se pôr em marcha?

A fim de tentar resolver tantos enigmas, eu precisaria de minha "insígnia da Scotland Yard"[1], precisaria investigar esses visitantes do paço e empreender

1. "L'histoire montre son insigne de Scotland Yard": observação de Hermann Broch, citada por Walter Benjamin, *Paris, capitale du XIX^e siècle*, 2009, p. 480.

uma dupla viagem: uma viagem no tempo, para esboçar a genealogia desse momento e compreender de quê ele pretende ser a origem, e uma viagem no espaço, para cruzar o Atlântico e iniciar a pesquisa na França, de onde vêm esses "precursores". Durante esse périplo, eu precisaria estar atento aos vestígios que ainda permanecem na superfície das coisas e às reconfigurações que o tempo engendrou – entre decomposição e cristalização. Depois, voltando ao Rio de Janeiro com um conhecimento mais profundo de seu perfil sociológico e cultural, de suas motivações e intenções, eu poderia segui-los na saída do paço naquele 18 de dezembro de 1841 e acompanhá-los em suas peripécias brasileiras.

Mas, antes de fazer a viagem, devo passar a cena a limpo e descobrir os índices que ela contém.

* * *

Que há para observar no momento? Num paço imperial meio abandonado, imagino visitantes em roupas de trabalho, estrangeiros bizarros cujas silhuetas se desenham como sombras diante do olhar surpreso do jovem imperador.

Mas não é só: na sala do paço, palavras são pronunciadas – palavras de ressonância singular, sem dúvida relativamente raras ali: "promessas", "felicidade", "prodígios", "mundo do futuro", "exército renovador", "destinos imensos e misteriosos", "idade do ouro". Enfaticamente, elas tecem a dramaturgia de uma vida nova. Postados diante do imperador, os "precursores" as escutam: parecem ter sido imobilizados por elas, submergidos pelo fluxo de vida que delas transborda. Eis, pois, o primeiro índice: o do apelo das palavras. Palavras que puseram em marcha um grupo de homens e mulheres rumo às "praias paradisíacas do Brasil".

Esse "exército de renovadores", cujo uniforme consiste unicamente em batas e aventais e que empunham apenas "armas pacíficas e fecundas" (suas ferramentas), pretende lançar os alicerces de uma *idade do ouro* e "construir" um lugar que abrigue seu *mundo do futuro*. Essa morada tem um nome preciso, que o orador não cita, mas que é sugerido pela menção a Fourier, seu inventor: o falanstério. Esses "filhos da velha Europa" são, pois, arquitetos em sentido simbólico, ou seja, seus gestos e sua maneira de ser traduzem a singularidade de sua relação com o mundo, seu desejo de inventar um mundo novo. Eis o segundo índice: o da arquitetura do mundo.